

IDEAL, IDÍLICO... (IDIOTA?)

Jan Duarte

A aproximação do Lammas*, tempo de colheita, bem como o início de um novo ano no calendário civil, é sempre um bom tempo para analisarmos onde plantamos nossas sementes e que tipo de frutos podemos esperar colher. Na verdade, seja nos campos cultivados, seja no nosso interior; sejam verdadeiras sementes ou sejam idéias e ideais o que plantamos nas estações precedentes, apenas quando as folhas que decoram nossas árvores idílicas, verdes de esperança, começam a cair com a aproximação do outono, é que veremos se a terra onde plantamos nos dará igualmente frutos idílicos, ou apenas imitações idióticas.

Seguindo essa linha de pensamento, fico imaginando os frutos que surgirão - ou que vêm surgindo - da semente do neopaganismo. A terra onde foi plantada a semente desse ideal está gerando uma árvore frondosa ou um patético arremedo de árvore?

O idílico e o ideal

Em verdadeiros tempos pagãos, diz-se que o Homem convivia em harmonia com a Natureza. Isso não significava, no entanto, um simples "preservar", mas sim um "ser parte de", ou seja: assumir como ser humano a sua natureza animal e, como animal, cumprir sua parte no ciclo natural.

Organizados em clãs, sob a proteção de um totem do qual todos se sentiam aparentados, nossos mais longínquos ancestrais usavam a figura dos deuses como meras representações, e tinham consciência que a verdadeira divindade era o Universo. Assim, cada um dos pequenos grupos humanos era responsável, por sua vez, pela manutenção íntegra de sua própria parte desse universo-divindade: aqueles do Clã do Urso não caçavam o urso; aqueles do Clã do Lobo não matavam esse animal, e os do Clã do Carvalho não abatiam aquela árvore. Dessa forma, o equilíbrio natural se mantinha,

* Lammas - uma das oito datas comemorativas do calendário neopagão, supostamente derivada de festivais celtas e ligada ao período das últimas colheitas.

cada grupo humano sendo responsável, em sua terra, pela proteção de uma determinada espécie e daquelas que, segundo suas próprias convicções, lhe eram aparentadas. Dentro do clã, não existiam segredos, ou ao menos uma concepção rígida de propriedade pessoal. O cuidado com as crianças e a formação dos jovens não era um atributo exclusivo dos pais, mas sim uma responsabilidade de toda a tribo, encarada como sagrada por ser a própria garantia da preservação da cultura e das tradições.

Nesse ponto, vale a pergunta: quando idealiza-se, hoje, o neopaganismo, está se idealizando um retorno a essa concepção integralista ou estará se buscando uma concepção nova, que consiga conciliar os tempos idílicos com cidades onde milhões de anônimos convivem, sem ao menos conhecer o seu vizinho ou considerar-se, de qualquer forma, responsável por seus atos e sua vida?

Afinal, esse ideal, expresso pelo neopaganismo, significa uma profunda modificação em nossa forma de encarar o mundo ou uma simples mudança cosmética? Não se estrá simplesmente substituindo a "divindade suprema estabelecida" por uma série de "divindades acessórias", e os impessoais cultos ou missas dominicais por outros ritos igualmente esvaziados de significado?

O idílico e o idiota

Em tempos idílicos, portanto, nos dividíamos em clãs, onde todos os membros eram irmãos e se conheciam, compartilhavam a abundância e o infortúnio. Hoje, nos dividimos em religiões e fronteiras, onde cada grupo reivindica para si o privilégio de estar "mais certo" do que o outro.

Assistimos, impassíveis, judeus massacrarem palestinos, a não ser que sejamos palestinos ou judeus. Assistimos as "grandes nações civilizadas e desenvolvidas" querer impor a ferro e fogo seu próprio sistema a outras, sem que isso nos pareça particularmente estranho. Mas lamentamos, horrorizados, quando essas últimas se defendem com os únicos recursos que têm.

Muitos se dizem pagãos, mas são *wiccans*, druidas, thelemitas, xamãs... todos preocupados em criticar as crenças e sistemas uns dos outros. Consumem "objetos mágicos" da mesma forma que consomem *big-macs*, e ainda têm tempo para se revoltar com a queda dos obeliscos do capitalismo. Lançam sua indignação contra a castração

das mulheres na África, mesmo sabendo que, por mais bárbaro que possa nos parecer, esse é um costume cultural, mas nenhuma indignação é devida quando tropas bombardeiam e invadem uma nação sob alegações injustas ou simplesmente falsas...

Existe um "movimento neopagão"? Existiria, talvez, se antes de se filiarem a crenças, ordens e religiões, os neopagãos compreendessem que paganismo é justamente não ter uma crença ou religião particular, mas sim fazer parte de uma religião global onde, embora hajam diferenças regionais, o "não-deus" universal é a tônica.

Seriam realmente neopagãos se estivessem pregando - com todas as forças - a união e a compreensão entre os povos, ao invés de se dividirem em grupos que proclamam a sua própria verdade. Se buscassem ao menos conhecer seus vizinhos. Se cada um deles, ao invés de "abraçarem árvores" em rituais deturpados, se preocupasse em plantar e cuidar de uma única árvore, tanto em sentido estrito quanto figurado.

Se os neopagãos buscarem o idílico sem se fixar no seu ideal, estarão apenas "seguindo a onda". Serão apenas idiotas. Estarão apenas criando uma nova "religião", com suas respectivas "sub-religiões", e nenhum movimento.

No entanto, magia é movimento. E, infelizmente para aqueles que defendem a sua "vida mágica", não se pode fazer magia se formos incapazes de criar o movimento.